

MONTEIRO LOBATO E OS MODERNISTAS: A “VANGUARDA ESTÉTICA” E A “VANGUARDA POLÍTICA” NO MODERNISMO BRASILEIRO

Dilma Castelo Branco Diniz
Universidade Federal de Minas Gerais

Na História da Literatura Brasileira, a figura de Monteiro Lobato ficou à margem do movimento modernista, que surgiu em São Paulo com a célebre Semana de Arte Moderna, em 1922. Porque não se juntou ao grupo dos chamados modernistas, nem tampouco se filiou ao academismo, manteve-se independente, em posição isolada, criando dificuldade aos críticos que enfrentaram a tarefa de classificá-lo.

Como muito bem observou Lúcia Miguel Pereira:

Tudo o preparava para participar da reviravolta intelectual: a sua atividade de editor, em busca de nomes a revelar, o êxito de Urupês, cujo regionalismo encontraria ecos no movimento renovador, o seu feito de espírito, irreverente e curioso, o seu interesse pelos problemas brasileiros, e, o que é mais importante, suas preferências literárias.¹

Entretanto, quando se iniciou o movimento de liberação pela qual tanto ansiava, não o reconheceu. Talvez isso se devesse, em parte, às idéias importadas, como o “futurismo” trazido por Oswald de Andrade, com as influências francesas que tanto o aborreciam. É que, na verdade, Lobato estava muito envolvido nessa época com seu trabalho editorial e não quis participar do movimento.

Acredito que os conceitos de “vanguarda política” e “vanguarda estética”, segundo a concepção de Antoine Compagnon, e também um texto de Mário de Andrade, datado de 1918 e praticamente desconhecido dos estudiosos do nosso modernismo, podem aclarar as posições assumidas por Monteiro Lobato e pelos modernistas, por volta da Semana de Arte Moderna.

Num estudo sobre os paradoxos da modernidade, Antoine Compagnon² afirma que “vanguarda” e “modernidade” são freqüentemente confundidas, embora existam, entre elas, diferenças fundamentais. E salienta que a vanguarda não é só uma modernidade mais radical e dogmática: se a modernidade se identifica a uma paixão pelo presente, a vanguarda supõe uma consciência histórica do futuro e a vontade de estar à frente de seu tempo.

O autor sublinha que a “arte de vanguarda” foi primeiro a “arte ao serviço do progresso social”, tornando-se, depois, a “arte esteticamente avançada no seu tempo”.³ Dessa forma, segundo Compagnon, deve-se distinguir duas vanguardas: uma política e outra estética, ou mais exatamente,

a dos artistas ao serviço da revolução política, no sentido dos partidários de Saint-Simon ou de Fourier, e a dos artistas satisfeitos com um projeto de revolução estética. Dessas duas vanguardas, uma quer em suma utilizar a arte para mudar o mundo, e a outra, quer mudar a arte, estimando que o mundo seguirá.⁴

¹ PEREIRA, fev. 1955.

² COMPAGNON, 1990, p. 48.

³ COMPAGNON, 1990, p. 50.

⁴ COMPAGNON, 1990, p. 52-53. O Conde de Saint-Simon (1760-1825) e Charles Fourier (1772-1837) são considerados “socialistas utopistas”. No caso de Lobato, creio que o melhor exemplo seria o de Auguste Comte que, em sua obra, *Cours de philosophie positive* (1830-1842), “não crê na possibilidade de transformar a sociedade, sem transformar, primeiramente, as mentalidades”. Cf. *Littérature XIX^e siècle*. p. 313.

Essa observação, feita por Antoine Compagnon, da existência de duas vanguardas – a “vanguarda política” e a “vanguarda estética” – torna-se muito útil para esclarecer a posição de Monteiro Lobato em relação aos modernistas, pouco antes da Semana de Arte Moderna. Tomarei, como exemplo concreto, a comparação entre dois poemas homônimos de Mário de Andrade: o “Anhangabahú”, publicado na revista *A Cigarra*, nº 95, de 12 de julho de 1918 e o “Anhangabaú”, de *Paulicéia Desvairada*.

O primeiro texto, “Anhangabahú”, praticamente desconhecido, como já afirmei, vem assinado por Mário de Moraes Andrade e obteve menção honrosa no Concurso Literário de *A Cigarra*, em 1918. Essa revista, uma das mais importantes em circulação no estado de São Paulo, na época,⁵ pedia a composição de um soneto sobre o tradicional rio Anhangabaú, tão ligado à história da cidade de São Paulo e que acabara de ser canalizado, dando lugar ao parque do Anhangabaú.

Obteve o primeiro prêmio, nesse concurso, o poeta Ruy Ribeiro Couto e o júri distinguiu com menção honrosa vários outros concorrentes. Participaram do concurso 52 poetas e o seu tema resultava do nacionalismo então vigente, ligado, nesse caso, ao progresso da cidade de São Paulo que, pouco a pouco, se modernizava.

Interessante observar como o poema do parnasiano Mário Moraes Andrade, intitulado “Anhangabahú” (que vem a seguir, em fotocópia, com os demais textos premiados) se distancia do futuro poema “Anhangabaú” de *Paulicéia Desvairada*, do já Mário de Andrade, escrita em 1920. Interessante observar ainda como o poema “Anhangabahú”, do Mário Moraes Andrade, se aproxima dos poemas dos demais autores premiados nesse concurso.

Anhangabahú

Fino, límpido rio, que assististe,
em épocas passadas, nas primeiras
horas do dia, á despedida triste
das heroicas monções e das bandeiras:

meu Anhangabahú das lavadeiras,
nem o teu leito ressequido existe!
Que é de ti, afinal? Onde te esgueiras?
Para que vargens novas te partiste?

Sepultaram te os filhos dos teus filhos:
e ergueram sobre tua sepultura
novos padrões de glórias e de brilhos.

Mas dum exílio não te amarga a idea:
levas, feliz, a tua vida obscura
no proprio coração da Paulicéa!

Don José
MARIO MORAES ANDRADE
(Capital)

Anhangabaú

Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...
Oh larguezas dos meus itinerários!...
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,
num parado desdém pelas velocidades...

⁵ DEL FIORENTINO, 1982, p. 34-37. As reproduções das páginas da revista *A cigarra*, aqui apresentadas, foram tiradas de exemplares da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo (S.P.).

O carvalho votivo escondido nos orgulhos
do bicho de mármore parido no Salon...
Prurido de estesias perfumando em rosais
o esqueleto trêmulo do morcego...
Nada de poesia, nada de alegrias!...

E o contraste boçal do lavrador
que sem amor afia a foice...

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris;
onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
“Meu pai foi rei!
– Foi. – Não foi. – Foi – Não foi”
Onde as tuas bananeiras?
Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,
contando histórias aos sacis?...

Meu querido palimpsesto sem valor!
Crônica em mau latim
cobrindo uma écloa que não seja de Virgílio!...⁶

Sem pretender desenvolver aqui uma análise exaustiva de tais versos, gostaria de salientar algumas de suas características, tão contrastantes com os versos do poema parnasiano de Mário Moraes Andrade.

Mediante adoção dos versos livres, esse poema rompe com a métrica convencional do primeiro. O tom retórico se dilui e se substitui pela seqüência de versos reticentes que trazem impressões do poeta diante da paisagem. A crítica ao parnasianismo está presente implicitamente na adoção de novos rumos formais. E na citação dos célebres versos de “Os sapos” de Manuel Bandeira, que acabariam por se afirmar como um dos símbolos da rejeição da tradição parnasiana pelos modernistas. Enquanto o primeiro lembra, no início, a epopéia heróica dos bandeirantes, o segundo traz o cotidiano do poeta, atravessando o parque. Se naquele, o canalizar do rio foi comparado à sepultura, neste, a imagem que surge é a da cópia mal feita ou imperfeita, “crônica em mau latim” e “écloa que não seja de Virgílio”, mas que constituem, em si, um novo modo de representar.

Todas essas diferenças expressam a preocupação de Mário de Andrade com a pesquisa estética e a renovação da poesia. Embora não se trate ainda da “revolução”, como observou Haroldo de Campos, a *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, com tudo o que trazia de novo, “era a reforma, com seu lastro de conciliação e palavrosidade”.⁷ A revolução, para esse autor, viria mais tarde, em 1924, com a poesia “pau-brasil” de Oswald de Andrade.

Nessa época, as inquietações de Lobato são bem diversas: preocupa-se não só com os negócios de sua editora como com os problemas sociais. Quer usar sua pena para denunciar as injustiças e tentar mudar a mentalidade atrasada de muitos brasileiros.

Imbuído da idéia de que o verdadeiro brasileiro é o homem do interior, Monteiro Lobato pouco escreve sobre a cidade de São Paulo. No entanto, entre seus poucos escritos sobre a Paulicéia, figura um conto, “O Fisco”,⁸ que tem como subtítulo “Conto de Natal”.

Em 27 de junho de 1909, Lobato dizia a Rangel que era “partidário do conto, que é como o soneto na poesia”.⁹ Desperta, portanto, interesse verificar o que Monteiro Lobato escreveu sobre o Anhangabaú, mais ou menos na mesma época, nesse seu conto intitulado “O Fisco”, de

⁶ ANDRADE, 1966, p. 41-42.

⁷ CAMPOS, 1974, p. 15.

⁸ LOBATO, *Obras Completas. vol. III.* p. 53.

⁹ LOBATO, *Obras Completas. vol. XI.* p. 243.

1921, que começa assim:

No princípio era o pântano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a Eva de Brecheret, a estátua dum adolescente nu que corre – e mais coisas. Autos voam pela via central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadíssimo.¹⁰

Como nos poemas de Mário, Monteiro Lobato evoca a transformação do vale do Anhangabaú que, aqui, serve de cenário para um drama familiar. O conto é dividido em partes. Na primeira, denominada “Prólogo”, o narrador, depois de descrever o parque, conta que certo dia, atravessando-o, viu um “bolo de gente rumo ao qual vinha um polícia apressado”. O narrador pensa num desordeiro, gatuno ou bêbado e fica admirado ao ver uma criança maltrapilha com uma tosca caixa de engraxate. O fiscal pedia ao menino sua licença e a pobre criança não entendia... A segunda parte, “O Braz”, descreve o bairro ligado a São Paulo, que recebeu a avalanche italiana. A terceira parte, chamada “A vida”, trata das dificuldades da família de Pedrinho, um menino de nove anos, que, ao perceber o problema econômico dos pais, resolve tornar-se engraxate como o tio, para ajudá-los. Constrói ele mesmo uma caixa tosca, com madeira de caixote; consegue com o tio duas escovas usadas e junta alguma graxa de latas velhas do quintal. Dirige-se logo ao parque, mas “os fregueses passavam sem lhe dar atenção”.

Súbito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar com certeza – e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estréia. Encarou o homem a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosou aquela terrível interpelação inicial:

– Então, cachorrinho, que é da licença?¹¹

A quarta e última parte tem por título “Epílogo? Não! Primeiro ato...”, título que tem por objetivo mostrar que o problema não termina aqui. Pelo contrário, começa. Horas depois, o fiscal batia na casa de Pedrinho com o menino pelo braço. A mãe atende a porta e ouve o fiscal que exigia o pagamento da multa. Debate-se, chora, mas o fiscal não arreda o pé. Por fim, ela foi à arca, reuniu o dinheiro juntado para a eventualidade de uma doença e entregou-o ao Fisco.

– É o que há, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o atudou no bolso, dizendo:

– Sou generoso, perdôo o resto. Adeuzinho amor!

E foi à venda próxima beber dezoito mil réis de cerveja.

.....
Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.¹²

Nesse conto, Monteiro Lobato trata, pois, do bairro do Brás, dos usos e costumes que o italiano trouxe para São Paulo e das dificuldades que enfrenta em território brasileiro, das boas intenções do “trabalhador” imigrante, antecipando o repertório a ser retomado pelos modernistas, sobretudo por Alcântara Machado, em *Brás, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China*.¹³

O drama dessa criança, filho de imigrantes, constitui uma crítica feroz ao sistema social vigente, onde o abuso da autoridade e o desrespeito à pessoa humana são flagrantes. Uma ironia imensa emana, pois, do “lindo parque civilizadíssimo”, que aparece logo no início do conto. Surge, em ridículo contraste com a paisagem da modernidade paulistana, a pobreza que aí subjaz, afigurada no sistema fiscal retrógrado e cruel, que explora os mais fracos

¹⁰ LOBATO. *Obras Completas. vol. III. p. 53.*

¹¹ LOBATO. *Obras Completas. vol. III. p. 64.*

¹² LOBATO. *Obras Completas. vol. III. p. 65-66.*

¹³ MACHADO, 1982a, 1982b.

economicamente e que exige mudanças imediatas.

Ao tratar do mesmo assunto – a descrição do vale do Anhangabaú – Mário de Andrade procura um novo modo de representar, enquanto Lobato quer passar a seus leitores uma imagem da injustiça social vigente na cidade de São Paulo.

Tanto Mário de Andrade quanto Monteiro Lobato se mostram, portanto, na vanguarda, no sentido que lhe confere Compagnon, enquanto mantêm uma consciência histórica do futuro e a vontade de estar à frente de seu tempo. Mas com uma diferença: se Mário persegue a vanguarda estética, Lobato luta pela vanguarda política. Trata-se, em suma, do problema da função da literatura na sociedade, um foco de tensões que se encontra no interior do círculo literário e que é decorrente de divergências na concepção do que seja a Literatura e seus limites.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Martins, 1966.
- CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas. Obras completas*. vol. VII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- COMPAGNON, Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- DEL FIORENTINO, Teresinha A. *Prosa de ficção em São Paulo*. Produção e Consumo. 1900-1920. São Paulo: Hucitec/Secretaria de Cultura, 1982.
- Littérature XIX^e siècle. Collection Henri Mitterand. Paris: Editions Nathan, 1986. p.313.
- LOBATO, J.B.M. *A Barca de Gleyre I. Obras completas*. vol. XI. p.243.
- LOBATO, J.B.M. *Negrinha. Obras completas*. vol. III. p. 53.
- LOBATO, J.B.M. O Fisco. In: *Negrinha. Obras completas*. vol. III. p.53.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1928) Edição Fac-similar. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.
- MACHADO, Antônio Alcântara. *Laranja da China* (1927) Edição Fac-similar. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Lobato e o Modernismo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 24 fev. 1955.

Resumo

Ao fazer uma comparação entre dois poemas homônimos de Mário de Andrade e um conto de Monteiro Lobato, tenta-se aclarar as posições de vanguarda assumidas pelos modernistas e pelo autor de *Urupês*, um pouco antes da Semana de Arte Moderna de 1922.

Résumé

En faisant une comparaison entre deux poèmes homonymes de Mário de Andrade et une nouvelle de Monteiro Lobato, on essaie d'éclairer les positions d'avant-garde prises par les modernistes et par l'auteur d'*Urupês*, peu de temps avant la Semaine d'Art Moderne de 1922.

